

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXIV



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1985

Esta importante obra sobre a proto-histórica peninsular termina com o estudo que Fernández Nieto faz sobre a colonização grega. Na parte introdutória aborda-se o controverso (?) tema das «colonias» calcolíticas como Los Millares e Vila Nova de São Pedro, e ainda se defende, explicitamente, serem lugares escolhidos e ocupados por «visitantes egeo-orientais» (p. 523-524). Na parte final, reduz as colonias gregas peninsulares a Ampúrias e Rhode, porque Abdera, Hemeroskopeion ou Mainake, não passariam de fundação, fenícias que os Gregos conheciam por aqueles nomes (p. 541, 544). A difusão dos objectos gregos no território da antiga Hispânia seria, assim, da responsabilidade única do comércio fenício e púnico.

Os textos de autores antigos, tão frequentes ao longo das 580 páginas que este livro reuniu, poderiam vir agrupados num apêndice final, facilitando assim a consulta que a falta de um índice ideográfico vem agravar.

A abundante bibliografia poderia, também, ter sido arrumada com maior critério, seguindo, por exemplo, a ordem dos temas versados nos diversos capítulos.

RAQUEL VILÇA

Guadalupe LÓPEZ MONTE AGUDO, *Expansion de los «verracos» y características de su Cultura*, Editorial de la Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 1983.

Só agora publicada, esta obra é a tese de doutoramento defendida pela autora em 1976. Os sete anos que separam a defesa, da publicação, condenam, á partida, a actualidade de que inicialmente se poderia ter revestido. Com efeito, vemos reunidas 212 esculturas zoomorfas (99 touros, 103 berrões e 9 casos duvidosos), 65 das quais se publicam pela primeira vez, número hojeem dia obviamente ultrapassado pelas descobertas entretanto verificadas e das quais destacamos o achado dos quatro berrões de Martiherrero (Ávila).

Obra importante como catálogo dos berrões e recolha bibliográfica, não traz grandes novidades, chegando mesmo, por vezes, a ser duma repetição desnecessária (p. 2 e 24; 24 e 30; 32 e 211; 207 e 213...). Escolhendo uma metodologia que não será a melhor, parte dum único elemento — os «verracos» — para definir uma cultura e não consegue, entretanto, encontrar nenhum contexto histórico-cultural onde os possa enquadrar, nem adscrevê-los a uma qualquer etnia, porquanto nos surgem numa área demasiado vasta — províncias de Ávila, Salamanca, Gáceres, Burgos, Orense, Pontevedra, Segóvia, Zamora, Toledo, Beira Alta, Trás-os-Montes e Douro Litoral — onde, por sinal, as prospecções e escavações sistemáticas estão longe de atingir o número satisfatório.

Estas lacunas levaram G. L. M., como a própria reconhece, a basear o seu trabalho fundamentalmente nas escavações de Las Gogotas, Mesa de Miranda (sem estratigrafia), Sanchorreja e El Berruoco. Chama, no entanto,

a atenção para a estação de La Alameda Alta (Tornadizos de Ávila) que, segundo a autora, é «la clave para dilucidar por fin esta problemática e interesante Cultura» (p. 2). Não sabemos a causa da não utilização desta «chave».

Em grande parte baseada naquelas estações, a autora dedica a primeira parte da sua obra à análise, aliás exaustiva, da cultura material associada aos berrões. É assim que no primeiro capítulo se debruça sobre a arquitectura (militar e urbana) e estudo das esculturas que deram origem a esta cultura tão controversa. Para além de tecer considerações gerais sobre estas últimas, estuda as inscrições dos vinte berrões que as possuem. Por verificar que em todas o texto é funerário, conclui, associando a este outros factores, que os berrões são monumentos funerários. Podendo talvez demorar-se mais no estudo destas inscrições, faz algumas reconstituições textuais com que não concordamos, como é a da inscrição n.º 70 (p. 60).

O capítulo seguinte refere-se ao espólio (cerâmicas, armas, fibulas, ourivesaria, etc.) que, desde o Bronze Final, é atribuído à área em estudo. A propósito das cerâmicas, afirma que «la cerámica de la Cultura de los «Verracos» es muy variada ya que abarca casi todo el primer milenio a.C.» (p. 81), englobando assim, numa mesma «cultura», cerâmicas muito diversas na origem, na técnica e na decoração. Mais à frente, quando se refere aos capacetes usados pelos povos da «Cultura dos Berrões», verifica que as fontes literárias são mudas a esse respeito e as arqueológicas, quase inexistentes. O problema é resolvido com o que aquelas mesmas fontes dizem sobre os capacetes dos povos do Noroeste Peninsular. Cai-se assim, mais uma vez, no erro que é procurar na «Cultura Castreja» a solução para as lacunas de áreas não menos ricas mas seguramente ainda pouco exploradas.

O terceiro capítulo trata da origem e organização social dos povos que as fontes antigas localizam nas províncias já referidas. A uma área excessivamente grande tem necessariamente de corresponder um número considerável de povos: Veteos, Vaceus, Calaicos, Astures, Lusitanos, Carpetanos e Turmódigos são tidos como os autores da «Cultura dos Verracos», não obstante se tratar de gentes tão diversas e heterogéneas. A esta «cultura» corresponderiam ainda duas fases culturais para as quais não encontrou, no entanto, quaisquer barreiras estratigráficas que as assinalassem.

O último capítulo é o das conclusões e cronologia. Negando a possibilidade das inscrições serem posteriores à execução dos berrões, atribui como cronologia final desta «cultura» o período imperial, pois aquelas foram datadas dos séculos i, ii e iii d.C. Quanto aos primórdios, devem procurar-se, pelo menos, no século vi a.C., data atribuída ao recinto do castro de La Mesa de Miranda onde foram encontradas algumas esculturas. Sem dúvida um período com limites muito amplos, sendo estranho não se detectar qualquer evolução no tratamento escultórico.

Seguem-se o Apêndice e Catálogo, incluindo o primeiro a bibliografia referente aos 34 mapas que ilustram, juntamente com algumas plantas e desenhos, o texto. Note-se que não há uma única representação de esculturas zoomorfas, tornando, por isso, a descrição do Catálogo demasiado «seca».

Finalmente, uma bibliografia bastante vasta, mas que nem sempre refere as obras citadas no texto (por exemplo, Callejo Serrano, 1970, citado na p. 61), seguida duma tríade de índices (autores, lugares e assuntos) muito úteis.

De referir ainda alguns erros, como o que situa a inscrição de Cabeço de Fráguas em Braga (p. 218), quando é na Guarda, e o que identifica Lankia Oppidana com Idanha-a-Velha (p. 204).

RAQUEL VILAÇA

KEVIN GREENE, *Archaeology. An Introduction*, Londres, B. T. Batsford, 1983. 1 vol., 25 cm, 190 p. 96 ilustrações.

O desenvolvimento da Arqueologia principalmente nos últimos vinte anos, torna cada vez mais necessárias as obras de síntese, actualizadas, ponto de partida para a compreensão dos campos de investigação mais complexos e especializados. Disfrutávamos já, em versão portuguesa desde 1961, da obra muito acessível de V. G. Childe, *Introdução à Arqueologia*, e, mais recentemente (1981) também com este título da obra de Carl-Axel Morberg; finalmente, *Archaeology. An Introduction* vem completar o quadro da história, princípios e métodos da Arqueologia Moderna.

Da sua leitura ressalta-nos, desde logo, o feliz encadeado dos assuntos tratados bem como um forte cunho pedagógico, reflexo da experiência pessoal do autor. Ao longo dos seis capítulos em que fundamentalmente se divide a obra, o leitor vê desfilar perante si as diferentes atitudes dos povos, ao longo dos tempos, perante os vestígios visíveis do passado. Dos métodos de escavação aos de datação, da interdisciplinaridade da Arqueologia à análise interpretativa do passado, o autor esboça-nos o quadro da génese, desenvolvimento e perspectivas da Arqueologia. Obra abundante em exemplos concretos, remetendo para bibliografia específica sobre cada um dos assuntos abordados, não deixa todavia de nos transmitir um cariz acentuadamente inglês, quer nos exemplos escolhidos quer nas personalidades realçadas como «marcos» do aparecimento e desenvolvimento da Arqueologia.

No Capítulo 1, *The Idea of the Past*, K. Green mostra-nos como o interesse pelas origens, tal como o da vida além-túmulo, é tão velho como a própria Humanidade, embora qualquer reflexo puramente arqueológica pertença já aos séculos mais recentes. Neste campo é-nos destacada a acção de John Frere, Boucher de Perthes, John Evans, além de outros precursores como John Shefferius, Leland, Camden, Aubrey, etc.

Ainda neste capítulo, ao referir-se ao contributo de Pitt Rivers à elaboração da sequência tipológica, assunto que retoma mais profundamente no Cap. 4, K. Greene não desenvolve de modo muito claro o fenómeno da regressão